



**“TODO PROFESSOR É UM EDUCADOR”:  
ANALISANDO UMA EVIDÊNCIA DO DISCURSO PEDAGÓGICO**

**“EVERY TEACHER IS AN EDUCATOR”:  
ANALYZING AN EVIDENCE FROM PEDAGOGICAL DISCOURSE**

João Kogawa<sup>1</sup>  
Reinaldo Dias dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste estudo é analisar o processo de mitificação do trabalho docente no discurso pedagógico materializado em sequências discursivas coletadas da seção “Caro Educador” da *Revista Nova Escola*. Para este fim, fundamentamos nossa investigação em uma interface entre a análise do discurso pecheutiana e a teoria barthesiana do mito. A hipótese deste artigo é que o discurso pedagógico inscrito em *Nova Escola* retoma uma memória em que o pedagógico e o religioso se compõem interdiscursivamente em torno do enunciado de referência: *todo professor é/deve ser um educador*. Este enunciado consolida uma relação interdiscursiva entre os discursos pedagógico e religioso e fornece evidências para uma concepção de docência como trabalho missionário ou chamado divino. Os resultados analíticos mostram que, de diferentes formas, a docência é significada pela ausência de seu sentido mercadológico. Marcada por uma aura de nobreza e espiritualidade, a atividade docente é fortemente carregada de um significado sacerdotal.

**Palavras-chave:** Análise do discurso; discurso pedagógico; mito; pré-construído.

**Abstract:** The aim of this study is to analyze the mythification process of the teacher’s work in the pedagogical discourse materialized by discursive sequences collected from the section “Caro Educador” of *Revista Nova Escola*. To this end, we based this investigation on the interface between the Pecheutian Discourse Analyses principles and Roland Barthes’s Theory of Myths. The hypothesis of this paper is that the pedagogical discourse registered in *Nova Escola* takes over a memory domain in which pedagogical and religious discourse are connected by the reference statement: *every teacher is/must be an educator*. This statement consolidates an interdiscursive relation between pedagogical and religious discourses and provides evidence for a conception of teaching as missionary work or divine calling. The results of these analyses show that, in different ways, the teaching work is signified by the absence of its marketing sense. Marked by an aura of nobility and spirituality, the teacher’s activity is strongly charged by the priestly sense.

**Keywords:** Discourse Analysis; myth; pedagogical discourse; preconstructed.

## INTRODUÇÃO

Vivemos, no meio educacional, uma espécie de *doxa* segundo a qual *todo professor é/deve ser um educador*. Esse ideal traz algumas implicações na medida em que

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP, Brasil. [kogawa@unifesp.br](mailto:kogawa@unifesp.br)  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8285-9932>

<sup>2</sup> Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP, Brasil. [reinaldodiaas@hotmail.com](mailto:reinaldodiaas@hotmail.com)  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1374-6560>

constrói uma divisão entre, de um lado, aquele que exerce o ofício tecnicamente em troca de um salário (o professor ou educador bancário) e, de outro, aquele que se realizaria sendo recompensado por algo além do financeiro (o educador). Para este último, inclusive, o ensino não deve ser apenas o exercício de uma técnica, mas de uma vocação promotora de acolhimento, afeto, amor, luta social e engajamento político.

Nesse contexto, emergem, um pouco em cada lugar, materiais instrucionais para a prática docente. Dentre essas publicações, a *Revista Nova Escola* destaca-se como veículo instrucional bastante popular entre os profissionais da educação. Inspirada em pilares da pedagogia – ao menos, nos mais conhecidos e massivamente divulgados – o periódico corrobora um ideal de *como se deve fazer – e ser* – no mundo pedagógico.

Neste artigo, o objetivo é investigar, pela mobilização de conceitos da análise do discurso de linha francesa e da semiologia barthesiana, a mitologia do *professor-educador* a partir da seção “Caro educador” da *Nova Escola*. Em nossa leitura, esse mito é sustentado pela relação estabelecida entre pedagogia e religião na memória do discurso pedagógico, como é possível recuperar em obras de pensadores como Rubem Alves e Paulo Freire. Sem negligenciar que, sob essa categorização, há tensões, entendemos aqui, por discurso pedagógico, um conjunto de regras que regula o dizer sobre o ensino, mais particularmente, no espaço de dizibilidade ocupado por professores da escola básica, público-alvo da revista. Há, evidentemente, divergências entre diferentes concepções e dizeres pedagógicos, mas, no espaço escolar, a forma dominante é desprovida de uma discussão teórica efetivamente problematizadora, predominando a fala mítica. Longe de uma abordagem personalista que corresponderia a julgar a relevância ou não de autores, nosso objetivo é demonstrar como o discurso pedagógico reproduz/faz circular o mito.

Nossa hipótese é que a relação interdiscursiva entre o discurso pedagógico e o religioso homologa um pré-construído de que o *professor-educador* é/deve ser vocacionado – à maneira dos sacerdotes. Nesse sentido, o processo de mitificação consiste em naturalizar que o ofício de dar aulas carrega também o imperativo cristão do “nega-te a ti mesmo”. Derivam daí certos valores ideológicos como a relativização da hierarquia entre professor e aluno – por vezes, entendida como signo da igualdade e condição indispensável à democracia – ou a quase interdição – quando não o apagamento – da ideia de que professor trabalha por dinheiro – o educador, a princípio, exerceria sua função por amor e por vocação.

## 1. MEMÓRIA, MITO E PRÉ-CONSTRUÍDO

Barthes nos ensina que o mito é linguagem naturalizada sob a forma da verdade e do consenso. Para Pêcheux, pai fundador da Análise do Discurso (AD), o pré-construído é uma evidência pré-admitida e inquestionável garantida por redes parafrásticas que constroem, para o sentido, um efeito de repetibilidade. Por esse prisma, o que se diz é tido e garantido como óbvio no interior de formações discursivas:

A relação de paráfrase pode operar sem que, no entanto, ela se realize materialmente sob a forma de uma relação material de sequências efetivas. Ela pode operar fora da consciência daquele que fala, escreve, escuta ou lê, e neste “esquecimento” reside, como mostraram Pêcheux e Fuchs, o fundamento da ilusão do sujeito como fonte de suas próprias falas ou de seu discurso (HENRY, 1990, p. 60-61).

Courtine (2009, p. 74), num trabalho de articulação entre enunciado, interdiscurso e memória, afirma que “O pré-construído remete assim às evidências pelas quais o sujeito se vê atribuir os objetos de seu discurso: ‘o que cada um sabe’ e simultaneamente ‘o que

cada um pode ver' em uma dada situação". Segundo Pêcheux (1997, p. 111), o pré-construído "[...] dá seu objeto ao pensamento sob a modalidade da exterioridade e da pré-existência".

O diálogo entre essas posições discursivo-semiológicas mostra-se bastante profícuo na descrição-interpretação do termo pivô *professor-educador*, inscrito no seguinte enunciado de referência<sup>3</sup>: *Todo professor é/deve ser educador*. Na esteira deste ideário, uma série de dizeres ganha corpo em nossa atualidade a respeito do que é/deve ser o *professor-educador*, quais são/devem ser seus atributos e qual é/deve ser sua tarefa/missão. O conjunto de características a serem desenvolvidas por esse profissional está determinado no/pelo discurso pedagógico, espaço de emergência dessa figura mitológica.

Nesse sentido, a relação entre mito e pré-construído demonstra que o sintagma *professor-educador* – estrutura sintático-semântica sustentada por uma memória histórica do discurso pedagógico – escamoteia o caráter mercadológico – no sentido de que, como trabalho, todo fazer que produz valor é, em tese, algo pelo que se paga um salário e o salário seria, em última análise, a razão de ser de um trabalho – do *métier* em função de uma significação sacerdotal. Trata-se de um mito justamente porque, assim como o africano que bate continência à bandeira francesa relativiza os sentidos da colonização (BARTHES, 1980), o funcionamento do sintagma pivô *professor-educador* relativiza os efeitos da condição histórica de trabalhador pela construção de uma imagem solene, vocacionada e amorosa.

Povoada de benevolência, abnegação e caridade, a imagem professoral constrói-se apesar da existência de um mercado de trabalho. Essa condição, quando não ausente, é sublimada por metáforas e analogias inscritas no discurso pedagógico para distensionar a relação entre lecionar e trabalhar para ser pago: falar de dinheiro macularia a verdadeira tarefa do educador. Mais do que outras profissões, o magistério é atravessado por uma memória cristã inerente ao discurso pedagógico que flerta com uma concepção de educação como um ato de assistência social.

O mito funciona justamente para naturalizar práticas sociais e discursos, neutralizando a história. Os maiores sustentáculos propagadores da fala mítica na sociedade moderna são os meios de comunicação. No nosso caso específico, a *Revista Nova Escola* enquadra-se no rol de meios ditos especializados e direcionados a um público específico, os professores-educadores. Em seus editoriais – seção “Caro educador” –, recuperamos uma série de naturalizações recorrentes e típicas que perpetuam o mito. Perpetrado por uma memória discursiva inscrita em obras clássicas da pedagogia, o *professor-educador* inscreve-se em um jogo interdiscursivo entre o pedagógico e o religioso:

Citação, recitação, formação do pré-construído: é assim que os objetos do discurso, dos quais a enunciação se apodera para colocá-los sob a responsabilidade do sujeito enunciador, adquirem sua estabilidade referencial no domínio de memória como espaço de recorrência das formulações (COURTINE, 1999, p. 20).

O *professor-educador* – já que, sob a verdade do pré-construído no discurso pedagógico, *todo professor é/deve ser educador* – é a evidência que norteia a prática docente como um *savoir-faire* sobrenatural, extraordinário. Multitarefa, esse profissional, por vezes, é escalado para ser “segundo pai/segunda mãe”, para não apenas

---

<sup>3</sup> O enunciado de referência é entendido aqui como uma sequência linguística abstrata pressuposta nas paráfrases materializadas na série de sequências discursivas (SDs) do *corpus*. A sequência linguística *todo professor é/deve ser um educador*, portanto, não aparece estruturada tal qual no *corpus*, mas sob a forma de paráfrases que a atualizam na/pela concepção de docência manifesta nas SDs selecionadas.

ensinar, mas também educar, para ser a mãe que sofre as dores do parto (ALVES, 1980) ou para ser um “messias”, por sua fé no homem (FREIRE, 2019a), além de diagnosticar desigualdades sociais, guiar e libertar.

Esse messianismo sustenta-se ainda pelo caráter eterno de suas ações transformadoras: “Os professores são eternos. Eles veem os alunos, transformam a vida deles e mudam o mundo<sup>4</sup>”. Cabe aqui uma ponderação: não afirmamos que, à luz do discurso pedagógico, professores não devem brigar por salários. O que evidenciamos é uma imagem mítica de professor inscrita no discurso pedagógico que, não raro, remete à figura do sacerdócio no sentido de que não é suficiente estudar, adquirir conhecimento técnico e preparar-se para transmiti-lo – como é para a grande maioria das profissões. É preciso ainda “estar/sentir-se inteiro”, apesar dos baixos salários, da violência sofrida<sup>5</sup>, do desprestígio.

No que concerne especificamente à violência contra professores, a *Nova Escola*, ao denunciar a condição sofrível do profissional da educação, assume que “A educação de um indivíduo se dá principalmente de três formas: pela família, responsável pela socialização primária, pela escola, local onde a criança passa a conhecer a vida coletiva, e pela sociedade, com suas múltiplas influências culturais e sociais<sup>6</sup>”. Isto é, ao mesmo tempo em que expõe um problema que extrapola os limites do ambiente escolar, assume, ainda que reconhecendo que cada instância de convívio exerce um papel, que a educação do indivíduo é também tarefa da escola. Indiretamente, a questão da violência contra professores seria algo que caberia também à escola, o que, no nosso entender, só reafirma o mito do *professor-educador*, essa espécie de coringa que daria conta de diagnosticar e minimizar problemas que fogem à sua alçada e à sua formação técnica.

Sob pretexto de que o educador deve estar sensível às desigualdades sociais e às condições do contexto – afinal, o professor não apenas ensina, mas também e principalmente, educa –, o discurso pedagógico instaura, pelo mito do *professor-educador*, senão uma obrigação, ao menos uma espécie de compromisso ético com a resolução dos problemas da sociedade como um todo e, embora se admita timidamente que cada instância tem seu papel, o professor é quem deve lidar com o que falhou na educação familiar. Em nenhum momento lemos, como uma verdade do discurso pedagógico, por exemplo, que violência contra professores deveria ser tratada pela polícia. Repressão é uma palavra proibida no discurso pedagógico. Não advogamos em favor da polícia nas escolas. O que tentamos demonstrar, pela construção desta oposição entre escola e polícia aqui, é a regularidade do universo mítico pedagógico a partir daquilo que lhe seria impensável.

O ideário atrelado ao sintagma *professor-educador* – ainda que encontremos marcas de nuance disso no próprio discurso pedagógico – funciona como agente neutralizador das dificuldades econômicas e sociais do professor no cotidiano. Isso aparece em falas das mais diversas ordens e, para o que nos interessa, é disso que se trata nas elaborações inscritas na *Revista Nova Escola*. Enquanto materialidade do discurso pedagógico escolar, a *Nova Escola* atualiza valores cristalizados em um regime de dizibilidade tornado corriqueiro e natural. É justamente essa a função da fala mítica, ou seja, naturalizar ou cristalizar um determinado discurso. Dessa forma, conceber a figura do professor como “eterno e transformador do mundo” é natural, em que pesem os meandros políticos que envolvem a construção da estrutura educacional.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2ZnBjUD>.

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, a matéria intitulada “Brasil lidera índice de violência contra professores. O que podemos fazer?”, publicada pela *Nova Escola*. Disponível em: <https://bit.ly/3e6VWIS>.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3e6VWIS>

Sob a tutela de enunciados como “a educação transforma o mundo” ou “a educação é o futuro do país”, pressupõe-se a estabilidade semântico-ideológica do *professor-educador* naturalizado por falante e ouvinte. Não há aí qualquer efeito de estranheza sobre qual seria, no universo mitológico que faz funcionar esse sujeito, o papel do educador. Tudo corre muito bem no contínuo dessa verdade indiscutível. Afinal, “[...] todo o sistema semiológico é um sistema de valores; ora, o consumidor do mito considera a significação como um sistema de fatos: o mito é lido como um sistema factual, ao passo que é apenas um sistema semiológico” (BARTHES, 1980, p. 152).

Em nossa paisagem povoada de bens de consumo afixados em *outdoors* e paredes de supermercado, o *professor-educador* é um bem simbólico que funciona nesta mesma lógica de mercado. Trata-se de uma espécie de “empreendedor individual” que supera todas as dificuldades em prol de uma missão. Este “ser divino” funcionaria como uma espécie de profeta do povo, de alma da mudança.

## **2. O DISCURSO PEDAGÓGICO E A MEMÓRIA MÍTICA DO PROFESSOR-EDUCADOR**

Para a análise do discurso, o conceito de memória não é identificado à ideia de lembrança individualizada e dependente da deliberação de alguém no sentido de recuperá-la. Nesse sentido, a memória é um espaço de dizibilidade disperso nos textos que deixaram de significar em certo sentido, para significar de outro modo; de dizeres que foram suspensos para que outros viessem em seu lugar; de dizeres que, mesmo em suspenso, reemergem em dizeres outros que os ressignificam. Isto é, falar em memória discursiva é nos deslocarmos através de textualidades que se cristalizaram e que, em determinados momentos da história, ora ficam mais evidentes, ora mais esquecidas.

Nesse cenário, a significação do *professor-educador* na *Nova Escola* não se desvincula de uma série de dizeres outros que lhe dão sustentação sob a forma de uma memória. Com efeito, se podemos atribuir sentidos à posição do professor enquanto educador, isso se deve a uma rede de dizeres precedentes que garantem a evidência de uma distinção. Sob essa ótica, no pensamento pedagógico brasileiro é produtivo retomarmos dois nomes de autor, a saber, Paulo Freire e Rubem Alves. Com efeito, o primeiro, ao nos propor uma divisão entre educação bancária e educação transformadora, nos oferece um panorama de quem são e de que modo podem ser qualificados os agentes desses dois modelos. Desta feita, de um lado, temos o educador tradicional, profissional, técnico, desprovido de caráter vocacional e revolucionário; de outro lado, está o educador transformador, aquele que tem fé nos alunos, no homem, na revolução (FREIRE, 2019a). O segundo propõe essa diferença não apenas do ponto de vista de uma polissemia em torno do termo educador, mas pela oposição entre termos distintos. Assim, para o educador tradicional/bancário de Freire, Alves (1994; 1980) atribui o termo professor; para o educador vocacionado, transformador e crente, ele atribui o termo educador. Para o que nos interessa aqui, cumpre enfatizar que se trata de uma oposição qualitativa no âmbito dos sentidos que, pelo funcionamento mítico, semantizam uma positividade em detrimento de uma negatividade. Ser educador transformador é positivo; ser educador bancário é negativo. Ser educador é positivo; ser professor é negativo.

Um dos recortes semânticos que evidenciam a mitificação do *professor-educador* no discurso pedagógico e, por extensão, na materialidade da *Nova Escola*, é a relação paixão↔missão. Um olhar atento para dizeres produzidos em algumas obras consagradas atesta isso. Chama a atenção a série de metáforas e alegorias mobilizadas nesse universo para descrever o processo de ensino-aprendizagem.

Em um dos livros clássicos do pensamento pedagógico brasileiro, *A alegria de ensinar*, encontramos uma rede complexa de metáforas e comparações dessa memória mítica do *professor-educador*. Alguns aspectos são bastante significativos do que denominamos anteriormente como função sacerdotal. Um deles é a significação do dinheiro como “coisa de segundo plano” face à alegria proporcionada pelo ato de educar. Diante dessa atividade construída como nobre e gratificante, o desejo de se aposentar, por exemplo, seria um contrassenso: “[...] pois quem deseja se aposentar daquilo que lhe traz alegria? Da alegria não se aposenta...” (ALVES, 1994, p. 6). Ou então: “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca” (FREIRE, 2019b, p. 139).

Nessa atmosfera semântica do ensino como missão, cabem ainda efeitos ameaçadores e/ou causadores de frustração e insatisfação profissional, pois, o professor que não conseguir desenvolver o prazer de ensinar – e, de maneira correlata e recíproca, o prazer em aprender com aquele a quem ensina – fracassará. Nas palavras do autor, “Se isso não acontecer, vocês terão fracassado na sua missão, como a cozinheira que queria oferecer prazer, mas a comida saiu salgada e queimada...” (ALVES, 1994, p. 8).

Em *Pedagogia da autonomia*, Freire (2019b) apresenta algumas observações sobre um ideal pedagógico que propicie ao educando uma liberdade de pensamento dirigida à crítica social e política. Desse ponto de vista semântico-ideológico, a educação deve levar o aluno à autonomia reflexiva sobre a condição social em que vive. Acrescenta-se a isso que o professor deve exercer o seu ofício de maneira passional a ponto de os educadores identificarem, crítica e reflexivamente, as injustiças responsáveis por uma sociedade que fomenta a desigualdade social e a exploração do trabalho:

Está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador. O que a raiva não pode é, perdendo os limites que a confirmam, perder-se em raivosidade que corre sempre o risco de se alongar em odiosidade. (FREIRE, 2019b, p. 41)

Do mesmo modo, o tema da amorosidade desdobra-se no fazer professoral. O “bom professor”, que ama seus alunos, alegra-se no desempenho da função. Ou age assim ou não está cumprindo seu papel, que é maior que simplesmente ensinar. Nas palavras de Freire: “[...] não posso desgostar do que faço sob pena de não fazê-lo bem” (FREIRE, 2019b, p. 66). Assim, a profissão do professor consolida-se como uma “[...] vocação que ela tem, como ação especificamente humana, de ‘endereçar-se’ até sonhos, ideias, utopias e objetivos” (FREIRE, 2019b, p.107). Isso semantiza um ideal de força misteriosa, ou seja, uma “[...] vocação, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários” (FREIRE, 2019b, p. 139). Nesse lugar de memória para dizeres da *Nova Escola*, o *apesar de* justifica-se pela sobrenaturalidade do chamado, da vocação e da devoção.

### **3. A REVISTA NOVA ESCOLA, PRÉ-CONSTRUÍDO E (RE)PRODUÇÃO DO MITO**

O mito do *professor-educador* na mídia especializada faz-se pela recorrência de um pré-construído por meio do qual aceitamos, pelo funcionamento ideológico, certas verdades do discurso pedagógico. Dessa forma, o enunciado de referência *todo professor é/deve ser um educador* atualiza-se em verbos e locuções verbais onirizantes – como *sonhar*, *estar inteiro*, *sentir-se inteiro* – e substantivos ou adjetivos abstratos desmaterializantes – no sentido de eufêmicos face ao mundo do trabalho – como *paixão*,

*amor, ideal, esperança*. O pré-construído, nesse funcionamento, é justamente o pré-admitido de que todo *professor-educador*, por natureza, “como todo mundo sabe”, deve ser amoroso, apaixonado, idealista, esperançoso, com confiança no homem, corajoso, generoso, atender a todos os alunos, independente de seu nível ou problema de saúde, enfim, corresponder à utopia (MORUS, 2006) moderna que é a escola, na esteira do que prescreve o discurso pedagógico.

Considerando o pré-construído que as legítima, as sequências discursivas (SDs<sup>7</sup>) organizam-se de acordo com os seguintes eixos semânticos: (i) imperativos vocacionais (SD1-SD12) – construídos sob a égide do *deve/não deve, precisa/não precisa, pode/não pode*; (ii) onirizações (SD13-20) – instauradas pela recorrência de adjuntos adnominais, complementos nominais ou verbais que materializam a paixão, o amor, o sonho e a esperança. Os dois eixos não são separáveis de modo estanque, mas por gradação conforme maior ênfase em um ou em outro efeito de sentido. Assim, no primeiro eixo, apesar de ocorrerem, em algumas SDs, termos onirizantes como *sonho e esperança*, a ênfase recai na relação dessa abstração de caráter com o dever de todo *professor-educador*. No que concerne ao primeiro eixo – o dos imperativos vocacionais –, recortamos as seguintes SDs:

SD1: [...] a escola pública que sonhamos e escrevemos é possível e só depende de pessoas engajadas (e preparadas).

SD2: São pessoas que aliam paixão pela escola pública com uma técnica rigorosa.

SD3: São seres humanos cheios de esperança de que todos, sem exceção, podem aprender a construir seu próprio projeto de vida.

SD4: Para educar bem, o professor precisa estar inteiro – e NOVA ESCOLA precisa estar inteira com você.

SD5: Um bom professor precisa, como todas as pessoas da face deste planeta, se sentir inteiro.

SD6: Coragem e a generosidade de se abrir [...]

SD7: [...] o problema deve ser visto (...) com coragem e ternura.

SD8: Um bom professor não usa laudo como desculpa.

SD9: Um laudo não deveria diminuir as expectativas que temos sobre os alunos.

SD10: Já que determinado aluno tem um transtorno médico, muitos educadores se sentem confortáveis em diminuir as expectativas sobre ele.

SD11: Mas fazer isso ainda é a melhor maneira de cumprir nossa missão.

SD12: [...] é preciso acreditar numa verdade simples: todos os alunos podem aprender.

O conjunto de enunciados constrói um ideário a que deve atender todo professor. Não são condições relativas ou negociáveis, mas verdades postas ou pressupostas sobre uma série de pré-requisitos a serem preenchidos. Assim, construções como *só depende de pessoas engajadas* não dá margem para outra leitura que não: *todo professor deve ser engajado*. A problemática desdobra-se em dois subentendidos: (i) há professores que não são e precisam se tornar engajados ou não teremos *a escola de nossos sonhos*, ou seja, se não temos a escola dos sonhos é porque há pessoas que não se engajam nisso; (ii) o engajamento seria um esforço sobrecomum em função das condições a que os professores estão submetidos, ou seja, não basta ser professor, formar-se, preparar-se, é preciso *ter gana, estar aberto a superar limites*.

O apelo, no discurso pedagógico, a essa sobrenaturalidade quase religiosa produz um efeito de sentido de sublimação que poderia ser parafraseado por: *É nosso dever apegarmo-nos com o etéreo*, sem o qual a existência escolar não é suportável. E o funcionamento mitológico da ideologia do *professor-educador* preenche justamente a

---

<sup>7</sup> As sequências completas encontram-se no apêndice deste artigo, devidamente referendadas.

lacuna semântica existente entre o sofrimento da vida nas escolas brasileiras e o autoflagelo como positividade vicária: *sou educador e, como tal, entendo e lhe ajudo a carregar suas dores*. Afinal, “A educação problematizadora (...) é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa” (FREIRE, 2019a, p. 102).

A exacerbação de termos como *paixão, missão, esperança*, comuns no discurso pedagógico, marcam a interdiscursividade com essa religiosidade cristã. Não basta trabalhar, é preciso ter *paixão pela escola pública*. A supressão de uma falta – marcada não só pelo abandono do Estado, mas também e principalmente pelo próprio descrédito dos alunos no papel da escola em sua promoção social – tem de ser compensada. E o *professor-educador* é esse coringa, essa válvula de escape. Devem acreditar em um aprender intransitivo e em uma concepção pré-admitida de projeto de vida que coincidiria com os anseios escolares subentendidos: *todos, sem exceção, podem aprender a construir seu próprio projeto de vida*. Ora, mas aprender o quê para construir qual projeto de vida? O efeito de sentido de que todos devemos saber do que se trata – e, como educadores, devemos correr atrás da concretização desse ideal – é típico dessa alienação pedagógica: *nós, professores e alunos, temos um objetivo comum*.

Os imperativos vocacionais reproduzidos à exaustão em torno do sintagma *professor-educador* garantem a verdade desse projeto comum. Como diria Barthes (1980, p. 163), “O mito não nega as coisas; a sua função é (...) falar delas; (...) purifica-as, inocenta-as, fundamenta-as em natureza e em eternidade, dá-lhes uma clareza, não de explicação, mas de constatação”. Não apenas um falar constativo, diríamos, mas também sugestivo. Esse funcionamento nos permite compreender o efeito de sentido vocacional do *sentir-se inteiro* e da consequente *coragem/generosidade de se abrir*. Não sabemos onde se situa a fronteira entre o pedagógico e o religioso: *abrir-se* poderia ser parafraseado por *confesse-se*. Declare seus problemas e nós, especialistas da educação, o confortaremos. Afinal, o *professor-educador* precisa desse alimentar-se constantemente da *fonte de água viva* que é o discurso pedagógico especializado, seja nas revistas, seja nos “orientadores da educação”: *Você nos traz seus problemas, abre seu coração, e nós temos a receita*.

O mito, nesse sentido, inscreve-se nesses imperativos vocacionais por meio dos quais o professor é posicionado discursivamente. A um só tempo, *pastor das ovelhas, revolucionário, gênio*, o exercício de sua prática é quase sempre em função de um *apesar de*, para o qual não há solução no curto prazo, a saber, *apesar da violência sofrida* – por parte de alunos e pais de alunos –, *apesar dos baixos salários, apesar de não ser médico*, entre outros *apesares*.

É particularmente importante nas SDs acima a construção mítica do educador como quem supera, inclusive, problemas de ordem médica. Nesse sentido, não é facultado ao professor questionar a possibilidade de aprendizagem de alunos laudados: “Um bom professor não usa laudo como desculpa”. Se fizer isso, não é bom professor. *Apesar de* a medicina declarar que alguns alunos não têm as mesmas condições de aprendizagem que os demais, correlativamente ao *todo mundo é capaz de aprender* (“[...] é preciso acreditar numa verdade simples: todos os alunos podem aprender”) – e na esfera semântica de um aprender intransitivo do qual já falamos anteriormente –, encontra-se o *gênio da pedagogia*, esse ser onírico, esotérico, que garante a superação das discrepâncias do nosso surrado sistema escolar e que pode revolucionar um país pela educação: “Cada vez nos convencemos mais da necessidade de que os verdadeiros revolucionários reconheçam na revolução, porque um ato criador e libertador, um ato de amor” (FREIRE, 2019a, p. 110). Desta feita, o professor não é um *profissional do mercado*, mas um *missionário em missão*: “SD11: [...] fazer isso ainda é a melhor maneira de cumprir nossa missão”.



Desse primeiro eixo, deriva a seguinte sistematização do pré-construído que se instaura como evidência – enquanto encadeamento sintático-verbal – para o sujeito professor mitificado no/pelo discurso pedagógico. Afinal, “[...] o sujeito não pode ser pensado no modelo da unidade de uma interioridade, como conexo” (HENRY, 2013, p. 163):

Todo *professor-educador* deve superar as dificuldades  
X é *professor-educador*  
X deve superar as dificuldades

É interessante traçar um paralelo – ainda que não seja este o objetivo principal do trabalho – entre o mito do *professor-educador*, que nos parece figura única no universo profissional contemporâneo quanto à relação mitificação *versus* ganho salarial, e a figura de Patch Adams, importante médico sobre o qual fizeram um filme<sup>8</sup> estrelado por Robin Williams. O paralelo serve apenas para evidenciar a percepção de uma diferença substancial: enquanto, para o discurso médico, Patch Adams é uma “boa influência” que, no entanto, não corresponde ao funcionamento concreto do discurso médico – é uma exceção –, para o discurso pedagógico, o *professor-educador* é uma condição. Todo professor deve ser um pouco um Patch Adams: alegre, amoroso, descontraído, fora dos protocolos e cativante.

No segundo eixo de SDs – o das onirizações –, temos mais marcadamente inscritos os termos que configuram efeitos de sentido de sobrenaturalidade e quase espiritualidade:

SD13: A paixão pela modalidade a faz abraçar uma jornada noturna [...]

SD14: [...] o amor pelos estudantes vem com muito conhecimento didático.

SD15: Todos eles tinham um ideal [...]

SD16: “Nós somos movidos pelo sonho, que é o desejo realizável, factível”

SD17: [...] nós, em *Nova Escola*, perseguimos obsessivamente um sonho: que todo professor tenha prazer em ensinar para que todo aluno tenha prazer em aprender.

SD18: Quero que você seja contagiado com a energia que impulsionou esta revista que preparamos.

SD19: NOVA ESCOLA existe para garantir o prazer em ensinar e o prazer em aprender.

SD20: [...] na sala de aula, você, professor, é o gênio da pedagogia. Você domina a didática. (...) Não abra mão do seu poder.

As seqüências configuram um ideal de conhecimento atrelado a funções afetivas como amar, ter paixão e ter prazer. Esse processo de onirização apaga sentidos atinentes ao retorno financeiro e às condições concretas de trabalho que circundam o exercício da profissão. Nesse sentido, são utilizadas, por exemplo, certas metáforas como *abraçar uma jornada*. Esse ufanismo, dado pela sequencialização do etéreo, é justamente o papel mitológico que cumpre o discurso pedagógico inscrito em *Nova Escola*. A metáfora, aliás, poderia ser lida como uma hipérbole. Na construção do efeito de comprometimento, a professora é posicionada como alguém que *abraça o inabraçável*, a saber, a *jornada*. Isso poderia ser parafraseado, com estrutura de dito popular<sup>9</sup>, da seguinte forma: “Professor que é professor não tem dia de trabalho, abraça a jornada”. A suposta crença nesse sistema em que “[...] a verdadeira generosidade está em lutar para que desapareçam as razões que alimentam o falso amor” (FREIRE, 2019a, p. 42), descola o ser professor do mercado de

---

<sup>8</sup> O trailer do filme pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=q9YsMfAqZa4>

<sup>9</sup> Essa estrutura pode ser observada em ditos hiperbólicos do tipo: “Homem que é homem não come mel, mastiga abelhas”, ou, “Homem que é homem não faz curva, dobra a esquina”.

trabalho. A promessa de retorno nunca se dá no âmbito do salário, mas sempre em supostas recompensas afetivas. O professor é um pouco esse ser faltante, de alma dócil, que se completa na convivência com os alunos. A abnegação é um quase dever de ofício e o ensinar é a realização do sonho. O conhecimento é a realização necessária do amor pelos estudantes. Isso é plenitude, exercício genuíno da profissão: “Só na plenitude deste ato de amar, na sua existencição, na sua práxis, se constitui a solidariedade verdadeira” (FREIRE, 2019a, p. 50).

Todo esse inventário onírico garante a função, a genialidade e o poder do professor. Poder, aliás, sequencializado por um imperativo *à la* frase motivacional a meio caminho entre discurso religioso evangélico e jargão de impacto de livros de autoajuda: “Não abra mão do seu poder”, diz a *Nova Escola*. Essa construção não é simplesmente, como insistimos em demonstrar, um desvio do discurso pedagógico mais acadêmico por uma revista de popularização do saber com fins práticos de orientação para o exercício da profissão no cotidiano. A onirização inscreve-se, sob a forma de uma memória, em obras clássicas da pedagogia e em textos fundadores do pensamento pedagógico: “Um educador humanista, revolucionário, não há de esperar esta possibilidade. (...) Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador” (FREIRE, 2019a, p. 86). Isto é, o *não abra mão do seu poder*, da *Nova Escola*, faz eco ao *acredite no poder*, da *Pedagogia do oprimido*.

## CONCLUSÃO

Este artigo enfocou uma problemática atual em torno da significação da docência em um periódico especializado da área de educação. De acordo com a *Revista Nova Escola*, ser professor deve coincidir com ser educador. É daí que formulamos o enunciado base que agrupa as sequências discursivas de nosso *corpus*, a saber: *todo professor é/deve ser um educador*. No entanto, a problemática não é uma exclusividade do discurso pedagógico escolar inscrito na *Nova Escola*, mas remete a efeitos de sentido que derivam de um domínio de memória do discurso pedagógico mais amplo no Brasil.

Com efeito, desde obras clássicas do universo educacional – *A alegria de ensinar*, *Pedagogia da autonomia* e *Pedagogia do oprimido* –, a diferença entre um professor subvalorizado como “profissional do mercado” e um outro sobrevalorizado como “agente revolucionário” é dada como uma verdade mais ou menos generalizada no pensamento pedagógico brasileiro. Por essa razão, embora concordemos que há uma diferença qualitativa entre a argumentação que se faz em prol dessa divisão em veículos de divulgação e em obras mais acadêmicas, o funcionamento dessa lógica semântica da espiritualização é similar.

Em Rubem Alves, encontramos uma divisão que se dá materialmente na/pela separação entre termos. O professor e o educador são significados diferentemente e em favor deste último. Isto é, o professor é simplesmente um trabalhador desprovido de vocação e, portanto, inadequado para a missão. Em Paulo Freire, isso não se apresenta por uma divisão de termos<sup>10</sup>, mas a própria categorização que diferencia o educador do educador bancário, produz esse efeito de sentido.

Nesse sentido, o artigo apresentou evidências de que há uma relação interdiscursiva – sustentada por uma memória do discurso pedagógico – que vincula o discurso religioso ao discurso pedagógico no funcionamento do enunciado base *todo*

---

<sup>10</sup> Embora, em *Pedagogia do oprimido*, haja ao menos uma referência em pé de página à figura do professor quando o autor critica a prática de disponibilização de referências bibliográficas delimitadas na nota de rodapé de número 42 (FREIRE, 2019a, p. 89).

*professor é/deve ser um educador*. No fundamento desse enunciado, está um pré-construído que garante sentidos míticos em torno do *professor-educador*, a saber, que o Professor – com “P maiúsculo”, ou, o “verdadeiro professor”, ou ainda, “aquele professor que é educador” – deve ser vocacionado para o magistério.

Dividimos nossa análise em dois eixos. No primeiro, recortamos os imperativos vocacionais materializados na recorrência do *deve/não deve, precisa/não precisa, pode/não pode*. A partir desse eixo, os dizeres do discurso pedagógico inscritos na *Nova Escola* estabelecem uma série de pré-requisitos para o exercício da docência. Aliás, pouco se fala no fazer docente enquanto profissão, mas quase que exclusivamente como uma vocação. Os imperativos inscritos nas SDs selecionadas do *corpus* reverberam uma espécie de distensão – para não dizer um apagamento – do caráter mercadológico da atividade docente.

O professor significado pelo discurso pedagógico é desidentificado com a figura do cidadão que trabalha, que gera valor, que tem uma carteira assinada e presta um serviço em troca de um salário. Indiretamente, a imperatividade atrelada a valores como amor, paixão, fé, dedicação, missão, recalca o fato de que a educação brasileira apresenta graves problemas estruturais e financeiros, sobretudo, no ensino básico. Se é possível argumentar que, em muitos aspectos, isso passa pelo financeiro e por questões políticas maiores que em nada desabonam o idealismo em torno da figura professoral que se sustenta às custas de baixos salários, escolas depauperadas e profissionais desmotivados, essa distensão mítica perde muito dessa força quando se trata da violência contra professores. Esta não está necessariamente atrelada a sentidos advindos do discurso econômico ou político – por vezes, a própria condição de ser professor é que suscita ódio e resistência de alunos e pais de alunos –, mas, ainda aí, os dizeres sobre os professores e sua missão não se alteram – mesmo em condições violentas, sustenta-se que a escola, em geral, e o professor, mais particularmente, teria como missão modificar esse cenário.

O segundo eixo de análise centrou-se na recorrência de elementos onirizantes. Nesse sentido, o professor deveria ser um sonhador apaixonado. Construído como portador de uma espécie de amor sublime pelos alunos, o funcionamento onirizante do mito consolida sentidos de um profissional da educação revolucionário que irá transformar o país. Se é possível falar em “educação transformadora”, isso se faz à medida em que os professores são seres dotados dessas características anímicas. É como se a regra fosse “ser Patch Adams” em todo tempo para colher os frutos. A paisagem mental do espaço pedagógico, por vezes, remonta à saga de personagens de filmes como *A sociedade dos poetas mortos* – dirigido por Peter Weir em 1989 – ou *Escritores da liberdade* – dirigido por Richard LaGravenese em 2007 –, em que o idealismo quase absoluto e fora dos protocolos é a regra e a tábua de salvação contra uma austeridade – também idealizada e radicalizada no/pelo discurso pedagógico – castradora e desigual.

Isso posto, entendemos que descrever e interpretar a significação da docência no discurso pedagógico é um caminho para pensarmos discursividades outras. Nosso objetivo não foi desacreditar ou deslegitimar o justo idealismo da carreira docente, mas colocá-lo em perspectiva. Por que, não raro, um executivo de Wall Street é mitificado como bem-sucedido em função de seus próprios objetivos de vida e carreira e o professor como um abnegado que “dá murro em ponta de faca”? Ao propor essas questões, não desejamos que o executivo seja imaginado como professor ou vice-versa. Trata-se apenas de colocar em perspectiva, como professores, a estabilidade do que nós somos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. *A Alegria de Ensinar*. 3.ed. Campinas: Ars Poetica, 1994.
- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez/Autores associados, 1980.
- BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. Tradução brasileira de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução brasileira de Rita Buongermino, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução brasileira de Cristina de C. Velho Birck et al. São Carlos: EdUFscar, 2009.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública*. Tradução: Nilton Milanez, Carlos Piovezani Filho. São Carlos: ClaraLuz. 2006.
- COURTINE, Jean-Jacques. “O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político”. Traduzido por Marne Rodrigues de Rodrigues. In: INDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. São Paulo: Sagra Luzzatto, 1999. pp. 15-22.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 66. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 58. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b.
- HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: Língua, sujeito e discurso*. Tradução brasileira: Maria Fausta P. de Castro. 2.ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.
- HENRY, Paul. “Construções relativas e articulações discursivas”. Tradução de João Wanderley Geraldi e Celene Margarida Cruz. *Cadernos De Estudos Linguísticos*, 19, 1990. pp. 43-64. <https://doi.org/10.20396/cel.v19i0.8636825>
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução brasileira de Eni Puccinelli Orlandi et al. 5.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 1997.
- PÊCHEUX, M. “Análise automática do discurso”. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. pp. 61-162.

## APÊNDICE

Tabela de SDs “Ser professor/ser educador”			
SDs	Data	Link	Autor/Edição
Envolvimento, dedicação e paixão por um propósito.	04/05/2016	<a href="https://bit.ly/2VTj0EF">https://bit.ly/2VTj0EF</a>	Maggi Krause/290
“[...] a escola pública que sonhamos e escrevemos é possível e só depende de pessoas engajadas (e preparadas)	04/05/2016	<a href="https://bit.ly/2VTj0EF">https://bit.ly/2VTj0EF</a>	Maggi Krause/290
A paixão pela modalidade a faz abraçar uma jornada noturna com uma turma do ciclo inicial de EJA ( <i>Nova Escola</i> , 04 de maio 2016)	04/05/2016	<a href="https://bit.ly/2VTj0EF">https://bit.ly/2VTj0EF</a>	Maggi Krause/290
São pessoas que aliam paixão pela escola pública com uma técnica rigorosa – o amor pelos estudantes vem com muito conhecimento didático. (...) São seres humanos cheios de esperança de que todos, sem exceção, podem aprender a construir seu próprio projeto de vida.	04/10/2016	<a href="https://bit.ly/2VTk6jL">https://bit.ly/2VTk6jL</a>	Leandro Beguoci/296
Todos eles tinham um ideal, o aprendizado dos alunos. E todos tinham foco na solução, e não no problema.	04/10/2016	<a href="https://bit.ly/2VTk6jL">https://bit.ly/2VTk6jL</a>	Leandro Beguoci/296
Ensinar não pode ser um fardo que destrói os educadores. Por isso que o problema deve ser visto, repito, com coragem e ternura. Para educar bem, o professor precisa estar inteiro – e NOVA ESCOLA precisa estar inteira com você, mesmo quando isso significa falar de nossos problemas mais profundos.	03/11/2016	<a href="https://bit.ly/35opzlj">https://bit.ly/35opzlj</a>	Leandro Beguoci/297
Um bom professor precisa, como todas as pessoas da face deste planeta, se sentir inteiro.	03/11/2016	<a href="https://bit.ly/35opzlj">https://bit.ly/35opzlj</a>	Leandro Beguoci/297
São educadores curiosos, dispostos a reinventar sua prática e a pensar em novas formas de ensinar a todos os alunos e alunas, todos os dias, com soluções experimentadas por educadores, como você, em diversas partes do Brasil e do mundo.	30/01/2017	<a href="https://bit.ly/2z0Hpiv">https://bit.ly/2z0Hpiv</a>	Leandro Beguoci/299
Coragem e a generosidade de se abrir, de ouvir e de melhorar	30/01/2017	<a href="https://bit.ly/2z0Hpiv">https://bit.ly/2z0Hpiv</a>	Leandro Beguoci/299
Como diz Mario Sergio Cortella, grande inspiração para os professores brasileiros, em entrevista na reportagem de capa: “Nós somos movidos pelo sonho, que é o desejo realizável, factível”	10/03/2017	<a href="https://bit.ly/35qOkOb">https://bit.ly/35qOkOb</a>	Leandro Beguoci/300
[...] nós, em <i>Nova Escola</i> , perseguimos obsessivamente um sonho: que todo professor tenha	10/03/2017	<a href="https://bit.ly/35qOkOb">https://bit.ly/35qOkOb</a>	Leandro Beguoci/300

prazer em ensinar para que todo aluno tenha prazer em aprender.			
Quero que você seja contagiado com a energia que impulsionou esta revista que preparamos.	08/04/2017	<a href="https://bit.ly/35qOkOb">https://bit.ly/35qOkOb</a>	Leandro Beguoci/301
NOVA ESCOLA existe para garantir o prazer em ensinar e o prazer em aprender.	09/06/2017	<a href="https://bit.ly/2yXY2vf">https://bit.ly/2yXY2vf</a>	Leandro Beguoci/303
Um bom professor não usa laudo como desculpa. A medicina pode ter algo a dizer sobre seu aluno. Mas, na sala de aula, a voz é sua.	16/09/2017	<a href="https://bit.ly/3feZEBi">https://bit.ly/3feZEBi</a>	Leandro Beguoci/305
Um laudo não deveria diminuir as expectativas que temos sobre os alunos. Deveria, apenas, acrescentar uma informação sobre como lidar com as pessoas.	16/09/2017	<a href="https://bit.ly/3feZEBi">https://bit.ly/3feZEBi</a>	Leandro Beguoci/305
Já que determinado aluno tem um transtorno médico, muitos educadores se sentem confortáveis em diminuir as expectativas sobre ele. Isso precisa acabar. (...) Eles dialogaram com os professores. Mostraram aos educadores que é preciso acreditar numa verdade simples: todos os alunos podem aprender.	16/09/2017	<a href="https://bit.ly/3feZEBi">https://bit.ly/3feZEBi</a>	Leandro Beguoci/305
Mas, na sala de aula, você, professor, é o gênio da pedagogia. Você domina a didática. É você, com seu conhecimento, que pode ajudar um jovem talento a despertar. Não abra mão do seu poder. Com ou sem laudo.	16/09/2017	<a href="https://bit.ly/3feZEBi">https://bit.ly/3feZEBi</a>	Leandro Beguoci/305
Mas fazer isso ainda é a melhor maneira de cumprir nossa missão.	14/12/2017	<a href="https://bit.ly/3feJvf8">https://bit.ly/3feJvf8</a>	Leandro Beguoci/308

Recebido: 22/9/2021

Aceito: 28/10/2021

Publicado: 29/11/2021